

FGV propõe criação de metas sociais para erradicar a pobreza



Cristina Palmeira

RIO – O economista da Fundação Getúlio Vargas Marcelo Néri defende a criação de metas sociais, nos moldes das que existem atualmente para a inflação. Segundo estudo realizado por Néri, em todo o país, existem cerca de 50 milhões de indigentes. Eles representam 29,3% da população e têm rendimento mensal inferior a R\$ 80.

Esta quantia garante o mínimo de calorias exigidos pela Organização Mundial de Saúde (OMS) para sobrevivência de um ser humano.

Néri, que dirige o Centro de Políticas Sociais do Instituto Brasileiro de Economia da FGV, propõe que tanto o governo quanto a sociedade civil assinem um compromisso para garantir a erradicação da miséria no país. Ele argumenta que o Instituto Brasileiro de Geografia (IBGE) poderia encarregar-se da fixação das metas.

Na opinião do economista, existem duas falhas nas políticas desenvolvidas pelo governo: a falta de foco e a carência de mecanismos que permitam um diálogo entre o governo e a parcela mais pobre da sociedade.

Apesar do atual quadro, ele reconhece que o grau de indigência no Brasil tem caído nos últimos anos. Ele compara o período entre 1996 e 1997 com os dois anos subsequentes. Pelos cálculos de Néri, houve uma redução de 1,54% por ano no nível de indigência. O economista reconhece, contudo, que os últimos anos houve uma perda entre os brasileiros da classe média, enquanto a renda dos menos abastados não caiu.

Os dados do estudo "Mapa do Fim da Fome", lançado hoje (9) assinalam que entre 1999 e 2000, por conta da retomada da economia, a pobreza caiu em 5,1% no país. A taxa foi computada com base na Pesquisa Mensal de Emprego (PME), realizada mensalmente pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O melhor quadro ficou por conta de Salvador, com uma queda de 9,1%. O economista não soube precisar o fenômeno que permitiu o avanço da Bahia. Enquanto isso, no Rio de Janeiro, a queda da miséria limitou-se a 1,9%, percentual que chegou 3,4% em São Paulo.

Néri reconhece que a principal chaga da sociedade brasileira é a desigualdade social. Mas, ele salienta que o país está numa situação mais confortável que a populosa Índia.

"A desigualdade é também o nosso trunfo. Temos um lado miserável mas o outro tem os recursos. É uma situação melhor, por exemplo, que na Índia onde temos apenas miseráveis e as castas", afirmou o economista durante entrevista coletiva na sede da FGV.